

FONTES SOBRE A ORIGEM DA MOEDA: APRESENTAÇÃO CRÍTICA

*Maria Beatriz Borba Florenzano**

FLORENZANO, M.B.B. Fontes sobre a origem da moeda: apresentação crítica. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11: 201-211, 2001.*

RESUMO: Este artigo pretende apresentar de uma maneira crítica a documentação – arqueológica e literária – hoje disponível com relação às origens da moeda cunhada e, ao mesmo tempo, apontar os caminhos que permitem um maior esclarecimento com relação a este tema.

UNITERMOS: Origem da moeda – Invenção da moeda – Numismática grega – Cunhagem monetária grega.

O tema da criação da moeda no mundo grego foi sempre objeto privilegiado de estudo por parte de numismatas, arqueólogos e historiadores. Sujeita a múltiplas interpretações devido à falta de uma documentação sistemática, esta questão suscita, ainda hoje, inúmeras polêmicas entre os estudiosos.

Do seu aprofundamento, no entanto, depende o nosso conhecimento a respeito do fenômeno monetário nas sociedades clássicas e a nossa compreensão sobre a atuação da moeda e sobre o papel que a ela atribuía o homem antigo. A definição da cronologia inicial da introdução da cunhagem monetária, por exemplo, é fator fundamental para a definição das relações entre a criação da moeda e uma conjuntura política, social e econômica precisa. É preciso ter em mente que é a partir da compreensão dessa conjuntura que depende a nossa reflexão sobre a natureza da moeda antiga e sobre as razões da

invenção e da difusão deste instrumento de troca.

Nossa intenção neste artigo é, pois, apresentar de uma maneira crítica a documentação – arqueológica e literária – hoje disponível com relação aos primórdios da moeda e apontar as direções que podemos olhar para um esclarecimento com relação a este tema.

Dois momentos diferentes devem ser ressaltados nos primórdios da cunhagem das moedas: o primeiro, aquele em que a moeda foi criada na Ásia Menor e o segundo, a sua subsequente adoção e difusão entre as cidades gregas do continente.

Com relação às fontes escritas, há duas tradições principais que se registram: uma que posiciona o surgimento da moeda de ouro e prata na Ásia Menor, entre os lídios e outra que atribui a Fídon, tirano de Argos a cunhagem das primeiras moedas de prata na cidade de Egina (vide ao final deste capítulo a transcrição dos documentos traduzidos ao português). Note-se, que à exceção de Heródoto (século V a.C.), e também de Xenófanes de Cólofon (século VI a.C.), citado por Póllux (século II d.C.), todas as demais fontes são posteriores ao século IV a.C.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

É justamente Heródoto (1,94 - doc.10 abaixo) quem registra que foram os lídios os primeiros a cunhar moedas de ouro e de prata. Esta tradição ganhou um novo alento entre os especialistas modernos desde que foram encontradas moedas de feição bastante rudimentar em um depósito do templo de Ártemis em Éfeso, pela equipe de arqueólogos do Museu Britânico no início do século XX.

Também a tradição que registra a introdução da moeda por Fídon é muito forte desde a Antiguidade e mereceu bastante atenção dos estudiosos. Este tirano da cidade de Argos estaria inserido em um contexto mais amplo de reformas e conquistas no Pelopôneso, que incluía não apenas a introdução da moeda como também reformas ponderais e de medidas. Inicialmente coloca-se a questão da datação da tirania de Fídon. Datas entre os séculos VIII e VII a.C. foram sugeridas, mas a mais segura é a que coloca sua atuação na primeira metade do século VII a.C., sendo o predecessor imediato das dinastias de tiranos de Corinto e Sicione, que ao subirem ao poder entre 660-650 a.C. provocaram a queda de Fídon (Will 1955:344 ss. e Hammond, *Oxf.CD* 1992:811). De acordo com a documentação escrita, Fídon teria recolhido os espetos de ferro e com eles feito uma dedicação no Heraion de Argos e então teria cunhado as moedas de prata. Assim, a tradição registra a passagem de uma forma de dinheiro, os espetos de ferro, para a moeda universal, de prata. Com efeito, os arqueólogos encontraram já no século XIX, em suas escavações do templo de Ártemis em Argos, um maço de espetos de ferro e uma barra também de ferro, ambos dedicados à divindade. Interpretando o documento arqueológico – espetos e moedas mais antigas de Egina – à luz da documentação escrita, parecia tudo muito bem estabelecido desta maneira. Ficava fortalecida a hipótese de que as moedas teriam aparecido na Ásia Menor por primeira vez em torno do século VIII a.C. e que em seguida teriam sido adotadas na Grécia continental em primeiro lugar por Egina, seguida de Atenas e Corinto. Fator importante nesta construção da adoção da moeda cunhada é a semelhança física entre as peças da Ásia Menor e gregas: todas trazem no reverso um quadrado incuso. Com efeito, o reverso dessas moedas não tem carimbado uma imagem, mas sim um ou vários

punções em formatos geométricos variados: retângulos, triângulos, quadrados. Em uma perspectiva adotada comumente de que a adoção da emissão de moedas está diretamente vinculada ao desenvolvimento da atividade comercial, esta hipótese é corroborada ainda pelo fato de que há documentação escrita e arqueológica a respeito da difusão do comércio egineta, coríntio e ático nos séculos VIII, VII e VI a.C. Da mesma forma, o testemunho de Aristóteles a respeito das reformas dos pesos, das medidas e das moedas introduzidas por Sólon em 594 a.C. (AP, X – doc. 11 abaixo) na cidade de Atenas ficaria confirmado, pois que já nessa época Atenas produzia moedas de prata.

Este é o quadro tradicionalmente proposto e que a partir da década de 1950 começou a ser fortemente questionado à medida em que se aprofundavam os estudos da documentação material: as séries monetárias propriamente ditas, as encontradas na Ásia Menor e as séries eginéticas, atenienses e coríntias; os tesouros monetários, ou seja os grupos de moedas diferentes, mas associados entre si em um achado; e os contextos arqueológicos em que foram achadas moedas e tesouros.

Vejamos, em primeiro lugar, qual é a documentação proveniente da Ásia Menor já que todos os especialistas ainda hoje estão de acordo de que foi nessa região em que apareceram por primeira vez as moedas cunhadas.

As únicas moedas desse período provenientes dessa região que possuem um contexto arqueológico definido são aquelas escavadas nos anos 1904-5 pelo Museu Britânico no templo de Ártemis em Éfeso. As escavações foram conduzidas por Hogarth e a publicação das moedas ficou a cargo de B.V. Head, grande nome da Numismática grega (Hogarth 1908). É fato conhecido de todos a dificuldade que estes primeiros escavadores tiveram em seus trabalhos já que a antiga Éfeso estava situada em uma região alagadiça e muitas vezes foi necessário trabalhar com bombas para a retirada da água das trincheiras. Ainda que este seja um fato que possa depor contra uma boa leitura estratigráfica do sítio, as escavações mais recentes da década de setenta e oitenta das equipes austríacas vem comprovando muitas das conclusões já obtidas no início do século XX.

Em uma estrutura denominada Base Central ou Base A que foi identificada como núcleo das

fundações do templo arcaico de Ártemis, foram encontradas, entranhadas na construção, noventa e três moedas de *electrum* (liga de ouro e prata), de tipos monetários variados e pesos variados. Fato importante é que neste conjunto havia discos de metal sem qualquer figuração no anverso ou no reverso, discos apenas estriados em uma das faces e com punções na outra e discos com carimbo de figuras (leão, pata de leão, galos, bode, besouro, foca, grifo, veado, touro, cabeça masculina) em uma das faces e punções na outra. A impressão causada nos arqueólogos responsáveis pelas escavações e transmitida por Head é que este conjunto de peças refletia as fases da própria invenção da moeda: primeiro apenas discos sem nada, depois com estrias e finalmente com representações figuradas. Parecia também que por serem de tipos variados, estas moedas teriam sido oferecidas de cidades variadas para o grande centro de culto de Ártemis da Ásia Menor, em Éfeso. Entretanto, estudos técnicos identificaram que os mesmos cunhos foram empregados para a realização dos punções das diferentes moedas, mesmo das estriadas (Weidauer 1975). Portanto, elas foram fabricadas em uma mesma oficina, e concomitantemente ou pelo menos em um espaço de tempo reduzido.

Esse depósito na Base Central do Artemision, incluía também outros objetos como uma grande variedade de jóias, artefatos de âmbar e pequeníssimas estatuetas de marfim e de *electrum*. Os arqueólogos ingleses encontraram também uma segunda base mais recente do que a Base Central, batizada de Base B. Em um muro entre a Base A e a Base B foi encontrado um pote de cerâmica bastante simples com mais 17 moedas de *electrum* dos mesmos modelos daquelas encontradas na Base A (Holloway 1984:17). De acordo com Head, o contexto arqueológico permitia datar este pote ao final do período A. Hoje, do ponto de vista dos estudos de cerâmica, este mesmo modelo de vasilha é encontrado em contextos variados que datam de todo o século VII a.C. As escavações austríacas recentes, permitiram uma datação mais precisa da Base B à época de maior difusão da cerâmica protocoríntia e coríntia transicional e recente, qual seja 620-580 a.C. (Bammer 1991). A tradição escrita registra igualmente que Creso, rei lídio (c. 560-546 a.C.) teria contribuído com

colunas para o templo de Ártemis em Éfeso (Heródoto, I, 92).

Em um artigo em 1951, Jacobsthal (*JHS*: 86-95) datou o material não monetário da Base Central do Artemision ao século VII a.C. em geral, com exceção de quatro estatuetas femininas minúsculas de *electrum* que deveriam ser datadas do final do VII e início do VI a.C., oferecendo assim a data final de fechamento do depósito. As escavações austríacas revelaram estatuetas do mesmo tipo em versões maiores e portanto com traços mais visíveis e associadas a outras estatuetas femininas de marfim do tipo 'hawk goddess'. De acordo com as análises estilísticas comparativas e com outros contextos arqueológicos datados no Mediterrâneo todas estas estatuetas são nitidamente pós-dedálicas e portanto não mais antigas do que 600 a.C..

Algumas datas fixas portanto podem ser assim destacadas. O depósito da base central (Base A) do Artemision em Éfeso possui material datado de todo o século VII, a sua data de fechamento deve ser situada ao redor de 600 a.C.; a Base B é, com toda probabilidade, a fundação da estrutura para a qual Creso contribuiu nos anos 550 a.C. É portanto correto afirmar que todas essas moedas encontradas na Base A e na Base B, reputadas como as primeiras moedas jamais cunhadas, foram fabricadas em uma época anterior a 550 a.C. e com muita probabilidade anterior a 600 a.C..

De acordo com Stanley Robinson estas moedas devem remontar no máximo a 630 a.C. se considerarmos pelo menos uma geração para a sua fabricação (Robinson 1951). Não é mais possível afirmar hoje, no entanto, que estas peças mostram fases diferentes e progressivas da invenção das moedas já que, como vimos de dizer, é segura a conclusão de que várias delas foram fabricadas com as mesmas ferramentas (Weidauer 1975). Outros autores tentaram subir mais estas datas partindo de estudos estilísticos das representações nas próprias moedas. Entretanto, estes estudos são inconclusivos pois estas primeiras moedas parecem ter sido fabricadas sem muita técnica e portanto possuem um estilo de difícil definição na arte arcaica. Concretamente, as representações gravadas em várias delas podem tanto datar de fins do século VI a.C. quanto da época micênica! (Holloway 1984:6) Não é impossível que novas escavações

sejam realizadas e tragam à luz estas mesmas moedas em contexto anterior aos anos 630 a.C. Entretanto, de acordo com a documentação existente hoje não há qualquer fundamento para se afirmar que as moedas tenham sido criadas na Ásia Menor anteriormente a essa data.

A respeito destas emissões deve-se concluir igualmente, de acordo com as evidências que possuímos, que elas foram emitidas por indivíduos. Com efeito, várias trazem inscrições nominais, como 'sou o sema (insígnia) de Fanês' ou então o que podemos transcrever como RKALIL, ou ainda VALVEL. Não possuímos concretamente nenhuma evidência de que estas fossem peças batidas por algum dos Estados da Ásia Menor, ainda que esta seja uma hipótese possível no tocante às peças que não possuem inscrição, hipótese que tem atraído os especialistas (Kraay 1976:23-25). É possível, por exemplo, que a moeda com a representação de uma foca seja de Focéia, cujos tipos posteriores eram de fato imagens de focas.

Com relação à adoção da cunhagem de moedas na Grécia propriamente dita é 'universalmente' aceito pelos especialistas – numismatas e historiadores – que esta tenha ocorrido na sequência da criação das moedas na Ásia Menor e que não tenha sido uma adoção imediata mas antes que tenha transcorrido algum tempo entre a criação da moeda na Ásia Menor e sua adoção na Grécia. Os argumentos que fundamentam essa posição são de várias ordens. Inicialmente, costuma-se levar em conta o fato de Heródoto mencionar os lídios como os criadores da moeda. Mas, são consideradas também outras tradições escritas como o fragmento de Aristóteles que menciona Hermodice, mulher do rei da Frígia como criadora das moedas (doc. 9 abaixo) e também a tradição conservada em Póllux que situa, entre vários lugares, a origem das primeiras moedas em algum lugar na Ásia Menor (doc.5 abaixo). O estudo do material monetário é, nesse contexto, também de fundamental importância. De fato, quando se observa detalhadamente as moedas mais antigas de Egina, Corinto ou Atenas é visível a semelhança com as moedas da Ásia Menor no tocante ao reverso incuso, mas também é sensível o aperfeiçoamento técnico ocorrido nesse mesmo tipo de reverso: a regularidade dos punções, o emprego de um único punção para cada tipo e assim por diante. A mudança no

tocante ao metal empregado é também considerada como um grande passo na concepção e no estabelecimento de uma cunhagem regular, controlada pelo Estado. O *electrum*, era de fato um metal de avaliação muito complicada uma vez que era provavelmente uma liga natural de ouro e prata e, portanto, a proporção entre um metal e outro fugia do controle de quem fabricava estas peças. A prata, ao contrário, era encontrada em estado muito mais puro, o que facilitava tanto ao emissor quanto ao usuário o controle do valor de cada peça. Por esses motivos, aceita-se normalmente a precedência das moedas de *electrum* da Ásia Menor, com relação às mais antigas moedas do continente grego.

Partindo destes pressupostos, de que modo podemos definir a cronologia e o significado da adoção das moedas em época arcaica na Grécia? Os numismatas tem levado a sério a definição de cronologia por meio da análise específica e técnica do documento material. Deixando as fontes escritas de lado – que de resto como se percebe pelos textos arrolados ao final deste capítulo, são contraditórias e posteriores aos acontecimentos e portanto eventualmente interpretativas – as análises de séries monetárias conhecidas e o estudo dos tesouros monetários têm oferecido algumas chaves de interpretação bastante interessantes. De modo geral, tem-se trabalhado do ponto de vista cronológico, reconstruindo-se as séries monetárias das primeiras cidades a bater moedas – Egina, Atenas e Corinto –, da época mais recente para a mais antiga; avançando-se no tempo, de trás para frente, poderíamos dizer. Nesse sentido, os estudos caracteroscópicos têm se revelado de extrema valia, apontando para conclusões bastante consistentes.¹

(1) A caracteroscopia é uma técnica de análise numismática inicialmente sistematizada por J.B.Colbert de Beaulieu em *Traité de Numismatique Celtique*, vol 1, Méthodologie, 1972. Implica um estudo aprofundado das imagens monetárias no maior número possível de exemplares de sorte a permitir a identificação dos cunhos (os carimbos) que gravaram as imagens em cada moeda. A identificação dos cunhos permite estabelecer uma associação entre os diferentes reversos e aversos ligando umas séries a outras. Os estudos caracteroscópicos permitem estabelecer com bastante segurança a sequência relativa das várias séries monetárias, o volume de cada emissão e, em última análise, o ritmo de cunhagem

Por outro lado, os estudos da composição dos tesouros de moedas arcaicas também têm revelado associações entre moedas que permitem o traçado de uma certa contemporaneidade entre várias emissões. As evidências apresentadas por alguns destes tesouros foram bastante valorizadas tendo em vista a presença de moedas para as quais possuímos datação mais segura. Há, com efeito, algumas datas muito precisas e definitivas para a Numismática grega do período arcaico. A primeira refere-se a dois depósitos votivos encontrados selados nas fundações da Apadana de Dario I em Persépolis. Uma inscrição encontrada no mesmo contexto registra a realização dos depósitos entre 517-514 a.C. Entre outros objetos, algumas moedas fazem parte desse depósito: uma peça de Abdera, cidade fundada em 544 a.C. (a moeda é, portanto, posterior); moedas emitidas por Cresos (como já dissemos devem ser datadas de 560 a 546 a.C.) e também uma moeda de Egina que os estudos caracteroscópicos situam não entre as primeiríssimas moedas de Egina, mas entre aquelas que fazem parte das primeiras séries mais volumosas (série 'iia'; cf. Holloway 1971).

A segunda data também muito precisa é a data da destruição de Síbaris, colônia grega do sul da Itália, por sua rival política Crotona, em 510 a.C. (Heródoto, V, 44). Ainda que colônias de Síbaris que provavelmente receberam os refugiados depois da derrota, tenham emitido moedas em nome dos exilados, é bastante seguro datar as emissões da cidade propriamente dita ao período anterior à sua destruição em 510 a.C..

Finalmente a terceira data considerada segura refere-se à data das emissões monetárias dos sâmios que se refugiaram em Régio, na Sicília, depois da revolta jônica contra os persas (494 a.C.). Estes sâmios, instados por Anaxilas,

tirano da cidade, ocuparam Zancle do outro lado do estreito entre a Itália e a Sicília, mas então, traíram Anaxilas, fazendo uma aliança com Hipócrates tirano de Gela, e assenhorraram-se sozinho de Zancle. Em 488 a.C. foram expulsos por Anaxilas. Nos anos que controlaram Zancle, os sâmios bateram moedas com tipos característicos de sua terra natal. Estas séries são, portanto, datadas de 493 a 488 a.C. (Kraay 1976:213).

Essas datas servem para a definição de cronologias para vários tesouros monetários de época arcaica. É natural concluir-se que moedas sistematicamente encontradas associadas com essas peças datadas devem ter uma data de fabricação e/ou circulação próxima destas.

Tomando cada uma das três cidades que inicialmente emitiram moedas na Grécia, vejamos como a documentação pode ser articulada para se criar um quadro referencial mais amplo a respeito da adoção da cunhagem.

Atenas

Os estudos de associações de cunhos realizados nas emissões mais antigas de Atenas permitiram estabelecer, com clareza, toda a seqüência das primeiras moedas, as Wappenmünzen (moedas heráldicas) e a passagem desta categoria de moeda para aquela das moedas que se tornariam típicas de Atenas com a representação da deusa Atena e de sua coruja, as assim chamadas 'corujas'. Sobre as Wappenmünzen é preciso inicialmente chamar a atenção para o fato que estudos físicos da prata empregada em sua fabricação, atestaram que o metal não é proveniente das minas do Láurion na Ática como é o caso da prata empregada para a fabricação das 'corujas'. Outro fato de interesse é que estas moedas não possuem qualquer identificação que permita atribuí-las a Atenas. Por terem tipos tão variados poderiam inclusive pertencer a vários centros emissores diferentes. O fato de terem sido encontradas, mormente, na Ática é que leva os especialistas a vê-las como produtos de Atenas. Mas, resta a dúvida: quais foram as autoridades emissoras? O Estado ou as diferentes famílias aristocráticas como o nome Wappenmünzen parece implicar e como quer a interpretação tradicional? Uma das Wappenmünzen, situada pelo estudo caracteroscópico no final da

de moedas de oficinas específicas. Trata-se de uma metodologia capital para o conhecimento das moedas da Antiguidade, uma vez que contorna a dificuldade imposta pela possível refundição de peças. Nesse sentido associa-se com proveito aos estudos de numismática experimental, que concluem que um cunho de anverso (o cunho fixo, na bigorna) fabricado de acordo com a tecnologia antiga, pode bater até 10 000 exemplares e o cunho de reverso (o cunho móvel que recebe o golpe do martelo) pode emitir até 16 000 exemplares. Cf também Kraay 1976: 18-19.

linha das associações de cunho, é justamente a moeda que traz uma cabeça de Atena de um dos lados e a coruja do outro. Esta moeda seria, portanto, a última das *Wappenmünzen*, começando-se em seguida a emissão das 'corujas'. Estas primeiras 'corujas' são tecnicamente relacionadas às *Wappenmünzen*, através do modelo de disco monetário empregado e do modelo do quadrado incuso do reverso. Com a ajuda dos tesouros monetários, e a constatação do volume das emissões tem-se tentado datar todas essas séries, relacionando-se ao que conhecemos a respeito da história de Atenas no século VI a.C. O primeiro fato a ser fixado é que o primeiro grupo de 'corujas', é datado por suas associações em tesouros, do último quartel do século VI a.C. Com efeito, vários são os tesouros que permitem esta datação; o principal, no entanto, é o tesouro de Asyut cujo enterramento é datado de 480-475 a.C. e que continha 162 'corujas' de Atenas dos tipos subsequentes às *Wappenmünzen*. Este tesouro está composto predominantemente por moedas gregas (867 moedas de prata) datáveis da segunda metade do século VI a.C. Se então pudermos situar aproximadamente o início da emissão de 'corujas' em torno de 530-525 a.C. as *Wappenmünzen* devem distribuir-se pelas décadas anteriores possivelmente até 560-550 a.C.

Mas, a datação por meio dos tesouros não é exata e permite uma certa flexibilidade, fazendo com que os estudiosos deslizem ligeiramente suas datas entre os anos 570/60 a.C. e as guerras médicas em 480 a.C. Alguns cuidados, entretanto, têm sido tomados: não é aceitável, por exemplo, comprimir muitas emissões em poucos anos nem deixar enormes vazios sem emissões. Assim, se de um modo geral as primeiras 'corujas' podem ser datadas do último quartel do século VI a.C., não é aceitável propor uma data para as *Wappenmünzen* logo no início do século VI, ou no século VII a.C., pois isto implicaria em longos espaços de tempo sem qualquer moeda e também dissolveria o relacionamento que existe do ponto de vista técnico entre as últimas *Wappenmünzen* e as primeiras 'corujas'.

No nosso entender a implicação mais importante da cronologia da adoção da cunhagem por Atenas é o estabelecimento de um contexto histórico que explique esta adoção. Infelizmente, com os dados que possuímos é ainda impraticável dizer com exatidão qual foi

esse contexto. Quem, afinal introduziu a cunhagem em Atenas? Pisístrato foi o primeiro a bater as *Wappenmünzen* no meio do século? Foram os aristocratas antes da tomada do poder por Pisístrato que emitiram estas moedas e em seguida Pisístrato implantou a cunhagem de 'corujas'? Foi Hípias que adotou a emissão de 'corujas' mais para o final do século? Ou terá sido Clístenes, que em 508/7 iniciou a emissão de 'corujas' como medida complementar de suas reformas democráticas? Finalmente, a moeda é produto da tirania ou da democracia?

A última proposição a esse respeito é feita por R. Ross Holloway que retoma algumas conclusões anteriores de Seltman e Kraay. Para este autor (1999), a adoção de moedas em Atenas foi promovida por uma aristocracia rural da Ática que escolheu, de acordo com cada família o emblema a aparecer em suas moedas (*Wappenmünzen*). A falta de um poder centralizado mais forte favoreceu este tipo de comportamento. A evidência nova apresentada por Holloway é o achado de um cunho de bronze provavelmente de *Wappenmünzen*, em um depósito votivo datado dos séculos VII e VI a.C., no Sounion, localidade da Ática. Para o autor, o fato de esta ferramenta própria da fabricação de moedas ter sido dedicada em uma área rural é um forte indicativo de que a fabricação de *Wappenmünzen* dava-se no campo e não em Atenas (Holloway 1999:12). Ainda de acordo com Holloway, quando Pisístrato retornou de seus dois exílios e estabeleceu um governo mais duradouro nos anos 540 a.C., introduziu uma cunhagem centralizada representada pelas primeiras emissões de 'corujas' que são emissões pouco volumosas (três séries), mas que teriam durado durante todo o período da tirania e início da democracia de Clístenes. O início do século V teria presenciado um aumento considerável de emissões, aproveitando o crescimento da produção de prata nas minas do Láurion e em vista de preparativos para o enfrentamento dos persas (Holloway 1999:13). Esta interpretação do Prof. Holloway é um exemplo de como a exiguidade das fontes obriga o arqueólogo/numismata a trabalhar. É sem dúvida uma interpretação engenhosa, mas, no nosso entender, necessita de mais evidências confirmatórias.

Com relação a Atenas é indispensável ainda uma avaliação a respeito dos testemunhos de

Aristóteles (*AP*, X) e de Andrócion (Plutarco, *Sólon*, 15- doc. 12 abaixo). De acordo com estas fontes, Sólon teria promovido várias mudanças nas medidas de capacidade de peso e nas moedas como parte das reformas efetuadas para contornar as crises sociais do início do século VI a.C.. Argumenta-se que se Sólon pode realizar mudanças na cunhagem de Atenas, é porque esta já existia há algum tempo, talvez até no século VII a.C. As mudanças, de acordo com as duas passagens, se referiam à alteração de peso da moeda, sem uma correspondente alteração do valor facial. Entretanto, é fato, que a análise ponderal das séries iniciais de moedas atenienses não apresenta qualquer mudança de peso. Ao contrário, o peso é constante demonstrando bastante controle técnico (Kroll e Waggoner 1984:327). Assim, alguns autores pensam que Atenas utilizava as moedas eginéticas, mais pesadas, e que por obra de Sólon foi introduzida a nova cunhagem de moedas propriamente ateniense. Entretanto, como vimos, a reconstituição das séries monetárias e o estudo dos tesouros não nos autoriza a subir tanto assim a data da adoção de moedas em Atenas.

Temos, portanto, um problema de concórdância entre fontes escritas e materiais que merece ser tratado. Não se pode simplesmente descartar o testemunho de Aristóteles e de Andrócion como mera invenção, pois, são considerados testemunhos sérios e, além disso, com toda probabilidade, as leis de Sólon estavam acessíveis aos autores que escreveram no século IV a.C. (Kroll e Waggoner 1984:332). No meu entender, a dúvida é resolvida através da compreensão dos termos empregados por estes textos. Ora, tanto um quanto outro menciona reformas no *nómisma*. Ora, vimos já anteriormente como este termo custou a ser empregado para denominar explicitamente a moeda cunhada. Com efeito, este é um termo que apenas a partir de meados do século V a.C. é entendido como moeda cunhada. Mencionamos também como as moedas adotaram em sua origem os nomes de pesos como estater, dracma, óbolo. Também as contas e os inventários dos bens dos templos e dos santuários, registram dracmas e estateres mencionados indiferentemente ao lado de objetos, artefatos, de ouro e prata fazendo com que nós não tenhamos uma noção clara se são de fato moedas ou pesos metálicos (Melville

Jones 1993:27, n.39). Nesse contexto, como entender que estes autores estejam referindo-se a uma mudança exclusiva no peso das moedas? *Nómisma*, com efeito, significa também, aquilo que é corrente, convencionalmente aceito. É certo que antes da introdução da moeda existia um sistema de pesos metálicos convencionalmente aceitos, segundo os quais se calculavam muitos dos valores e é deste sistema que decorre a palavra *nómisma* empregada pelos autores do século IV a.C.. Assim, Sólon, muito provavelmente, procedeu a uma reforma dos pesos convencionalmente aceitos como medidas de valoração de bens e não necessariamente a uma reforma monetária.

Egina

O caso da cunhagem das moedas eginéticas é muito semelhante ao das moedas de Atenas. As evidências dos tesouros monetários e dos estudos caracteroscópicos apontam para uma cronologia do início dessas emissões no segundo quartel do século VI a.C. Em um dos depósitos votivos da Apadana de Persépolis (517-514 a.C.), foi encontrada uma moeda de Egina do tipo 'iia', que de acordo com as associações de cunho representa as primeiras emissões mais volumosas da cidade. O tipo 'i' é pouco denso já que para a sua cunhagem foram utilizados menos cunhos. O posicionamento relativo dessas emissões e a data oferecida pelo depósito em Persépolis autorizam uma data em torno de 560 para a emissão das primeiras moedas eginéticas. Esta data é corroborada pela composição de outros tesouros monetários como os de Mit Rahineh e Demanhur, achados no Egito. Nestes, moedas eginéticas da categoria 'iia' estão associadas às moedas da ocupação sâmia de Zancle, datadas de 493-488 a.C.. Evidentemente, se for considerado que os tesouros podem ter sido formados ao longo de anos, e estarem compostos por partes mais antigas, e outras mais recentes, essas moedas de Egina poderiam ter sido depositadas antes de outras consideradas mais recentes. Mas, como existe uma recorrência de associações em vários tesouros (ver o quadro de tesouros mais abaixo) é possível – como no caso das moedas de Atenas – chegar a datas aproximativas para o início da cunhagem em Egina.

Se a documentação monetária autoriza uma cronologia para o início da cunhagem em Egina em torno de 560 a.C., a fonte escrita supõe uma data que pode ser levada até o século VIII a.C.. A tradição derivada de Éforo coloca Egina como a primeira cidade a bater moeda e associa este fato à tirania de Fídon. É necessário lembrar aqui que as atribuições feitas por Éforo de invenções a personagens históricos eram consideradas anacrônicas já na Antigüidade (Brown, NC 1950, *apud* Kroll e Waggoner 1984:335). Inicialmente é relevante o fato de que a cronologia para a ação de Fídon como tirano de Argos é bastante controversa: varia entre a segunda metade do século VIII e a primeira do VII a.C. (Hammond, *OxfCd*, 811). Em seguida, como explicar que Fídon, sendo tirano de Argos, bateu moedas em Egina? Sem dúvida, como no caso de Sólon, Fídon foi também um legislador que promoveu reformas sociais na época de formação e definição do Estado na Grécia, reformas que incluíram mudanças nas medidas (Heródoto, VI, 127). O fato de as moedas eginéticas manterem seu aspecto antiquado mesmo nas emissões do século V, a popularidade que tinham essas moedas em época clássica chegando a circular tanto por todo o Peloponeso que foram chamadas por Póllux (9.74) de 'nómisma peloponésio', o fato de Fídon ter dedicado os espetos no santuário de Hera em Argos e de estes estarem à mostra ou pelo menos registrados como bens do santuário, sem dúvida contribuíram para a construção de uma versão, já na Antigüidade, a respeito da primazia das moedas eginéticas e da função de Fídon na sua criação. De acordo com a documentação material, as moedas eginéticas podem de fato ter sido as primeiras as serem cunhadas na Grécia, mas não no século VII, muito, menos no VIII a.C..

Corinto

As emissões de Corinto são, entre as emissões das três cidades que iniciaram a cunhagem na Grécia a de compreensão menos complicada, pelo menos do ponto de vista cronológico. Também no caso dessa cunhagem, foram realizados estudos caracteroscópicos que permitiram o estabelecimento de uma seqüência relativa das séries iniciais. Em um dos exemplares analisa-

dos, hoje conservado no Cabinet de Médailles da Biblioteca Nacional em Paris, constatou-se a recunhagem² de um tipo pertencente à segunda emissão de moedas coríntias sobre uma das últimas Wappenmünzen de Atenas (Kraay 1976:81). Moedas deste mesmo tipo coríntio foram usadas como disco monetário para recunhagens de moedas de Metaponto no sul da Itália, datadas do período pós-destruição de Síbaris em 510 a.C. Assim, ficam associadas moedas coríntias com as séries de Wappenmünzen e com moedas com datas relativamente seguras como as de Metaponto. Pode-se, portanto, pensar em uma data em torno de meados do século VI para o início da cunhagem de moedas de Corinto, já que a sua segunda série, em 510/500 a.C., já estava fora de uso a ponto de ser recunhada em Metaponto.

Individualmente, cada um dos dados que acabamos de arrolar com relação à origem da moeda, não estabelece nenhuma cronologia absoluta segura. Todos juntos, porém, montam um quadro referencial em que concretamente dois marcos podem ser estabelecidos. 1º.) As primeiras moedas foram criadas por cidades gregas da Ásia Menor em torno de 630-625 a.C.; 2º.) Estas primeiras moedas foram provavelmente emitidas por iniciativa de particulares; 3º.) À época do reino de Crespo na metade do século VI a.C. a moeda na Ásia Menor já era monopólio do Estado; 4º.) A cunhagem de moedas foi adotada na Grécia continental durante a primeira metade do século VI a.C.. Egina provavelmente foi a primeira cidade a fazê-lo de acordo com uma

(2) A recunhagem é uma técnica bastante comum na Antigüidade, por meio da qual se aproveitava uma moeda de outra localidade (ou da mesma localidade, mas fora de uso) como disco monetário. A falta de metal precioso era, sem dúvida, uma das razões que levaram os Estados antigos a aproveitar numerário de outras cidades para fabricar suas próprias moedas. A necessidade de transformar numerário estrangeiro em meio circulante legal pode ter sido outra razão. O fato é que muitas dessas recunhagens foram mal feitas: o disco provavelmente não foi devidamente aquecido ou o golpe no cunho não foi suficientemente forte deixando, então, o tipo subjacente visível, permitindo, hoje, o estabelecimento de cronologias relativas muito seguras. Cf. Le Rider, G. 'Contremarques et surfrappes dans l'Antiquité grecque' em Dentzer, J.M. *et alii*, *La Numismatique Antique. Problèmes et Méthodes*. Nancy-Louvain 1975:27-46.

interpretação possível das fontes textuais seguida por Atenas e por Corinto, que inauguraram suas emissões em torno de 560-550 a.C.

Podemos também afirmar com certeza que a introdução da moeda nas cidades-estado gregas está relacionada à constituição de um Estado característico, à definição dos contornos da *pólis*, e ao poder exercido neste contexto. É sintomático, que seja o século VI – século das tiranias – a época da introdução da cunhagem. É importante notar como, também na Sicília, o período de introdução e de maior volume da cunhagem e de maior cuidado artístico com a gravação dos cunhos monetários é o período de florescimento das tiranias (entre o último quartel do século VI e a primeira metade do século V a.C.). Como bem assinala Holloway (2000, inédito) a emissão de moedas tem a ver com o controle, com o poder instituído muito mais do que com qualquer aspecto econômico, de crescimento comercial ou de aprofundamento de relações de mercado. A moeda é fruto da *pólis* grega, é resultado de transformações profundas no pensamento grego e na maneira de se medir e de se avaliar coisas e serviços. A moeda é um instrumento de poder e de manipulação do poder; como elemento constitutivo da *pólis* grega servia à tirania e ao poder democrático.

Documentos escritos sobre a origem da moeda na Grécia

1. “...e ele inventou as medidas que são conhecidas como de Fídon e também os pesos e a moeda, esta última de prata e em alguns outros metais.” Éforo, frag. 115; século IV a.C.

2. “...e Éforo diz que a moeda de prata foi cunhada pela primeira vez em Egina, por Fídon.” Éforo, frag. 176; século IV a.C.

3. “... e Fídon de Argos fixou as medidas oficiais, idealizou os pesos e cunhou moeda de prata em Egina.” *Marmor Parium*, 30, derivado de Éforo; datas de 1580 a 260 a.C.

4. “...e Fídon de Argos foi o primeiro a cunhar moeda em Egina; depois de ter emitido moeda, ele recolheu os espetos e os dedicou a Hera de Argos.” Órion, *Etymologicum*, s.v. *obelós*; século V d.C.

5. “...se Fídon de Argos foi o primeiro a cunhar moeda, ou Demodice, consorte de Midas

da Frígia., ou Ericônio e Lico pelos Atenienses, ou os Lídios como diz Xenofonte ou os naxianos segundo a opinião de Aglostenes.” Póllux, IX, 83; século II d.C.

6. “...os eginetas foram os primeiros a cunhar moeda, conhecida como eginética depois deles.” Eliano, *Varia Historia*, XII, 10; século II-III d.C.

7. “...pois que Fídon, rei de Argos, foi o primeiro a cunhar moedas de ouro, em um lugar da Argólida chamado Eubéia” (*Etymologicum Magnum*, s.v. *Euboikon nomisma*; século X-IX d.C.)

8. “Íon, que governava a terra da Tessália, foi o primeiro...a fazer do ouro moeda.” Lucano, VI, 401-405. Século I a.C.

9. “...e dizem que Hermodice, mulher de Midas, rei da Frígia, foi de rara beleza, mas também sábia e hábil e que foi a primeira a cunhar moeda em Cyme.” Aristóteles, fr. 611, 37 Rose; século IV a.C.

10. “Os lídios foram os primeiros entre os homens, até onde vai o nosso conhecimento, a cunhar e a usar moedas de ouro e prata, e também foram os primeiros a vender mercadorias a varejo.” Heródoto, I, 94, 1; meados do século V a.C.

11. “Ao que tudo indica, tais foram, então, as disposições populares de sua legislação. Efetuou o cancelamento das dívidas anteriormente à legislação, mas o aumento dos pesos e medidas e das moedas foi depois. 2. Na sua época, com efeito, as medidas tornaram-se maiores do que as fidonianas, como também a mina, pesando anteriormente setenta dracmas, foi completada em cem. A primitiva unidade monetária era a didracma. Fixou também pesos relacionados às moedas, de modo que sessenta e três minas, tinham o peso do talento, com as três minas distribuídas pelo estáter e pelos demais pesos.” Aristóteles, *Constituição de Atenas*, capítulo X; século IV a.C.; referindo-se às reformas de Sólon em 594 a.C.

12. “...o aumento das medidas e do poder de compra do *nómisma*. Porque ele fez com que a mina correspondesse a cem dracmas, e antes eram apenas setenta dracmas; assim, pagando-se a mesma quantidade mas de um valor inferior, aqueles que tinham dívidas saíram-se amplamente beneficiados e os que aceitaram esses pagamentos também não perderam.” Plutarco, *Vida de Sólon*, 15; citando o testemunho de Andrócion, (político ateniense, 410-340 a.C.) referindo-se às reformas de Sólon em 594 a.C.

Tesouros contendo moedas de Atenas, Egina e Corinto																	
Tesouros	IGCH	Data	Atenas							Egina			Corinto				
			Wapppm.	II	III	IV	V	VI	VII	i	ii	iii	I	II			
Ática	2	525-515	19														
Sakha (Egito)	1639	c.500-490	2													8	
Tarento (Itália)	1874	c.500-490	2	5												10	5
Benha (Egito)	1640	c.490-485	1	4	2												
Asyut (Egito)	1644	c.475	2	2+	7	155						1				6	33
Gela (Sicília)	2066	c.480			2	134	31										
Anatolia - Sul	1177	c.480-475				6	13										1
Acróp. - Atenas	12	480	17		1	4	30										
Zagazig (Egito)	1645	dep.470				3+	4+			18							
Apadana	1789	517-514										1					3
Sambiasi (It.)	1872	c.520															
Cíclades	6	c. final s.VI															
Rahineh (Egito)	1636	c.500										3	1				4
Demanhur (Egito)	1637	c.500-490											16				6
Matala (Creta)	1	c.500-490											68				
Istmia	11	c.475											x	x			x
Mt.Bubonia (Sic.)	2071	c.475-470				6											
Libano	Holl,1999	c.480				7		5									
Decadracma	Holl,1999	c.460+C4				2	2	8	175								
Ásia Menor	1165	c.500	3														
Eubéia	3	530-10	2														
Eleusis	5	520-500	5														
Pascha	10	500-480	7	x	x	x	x	x									
Eretria	9	500-480	x	x	x	x	x	x									
Egina?	CH,VIII-20	c.500															
Selinunte	CH,VIII-35	c.490															
																70	3
																80	23

Fonte: Kroll e Waggoner 1984; Holloway 1999; IGCH 1974 e Coin Hoards VIII, 1994).

FLORENZANO, M.B.B. The origins of coinage: archaeological and literary sources. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 201-211, 2001.

ABSTRACT: The goal of this article is to present all the sources – material and literary – concerning the invention of coinage by the ancient Greeks. The documents are presented systematically with the intention of pointing out all possible interpretations.

UNITERMS: Invention of coinage – Ancient Greek coinage – Greek Numismatics.

Referências bibliográficas

- ARNOLD-BIUCCHI, C.
1990 *The Randazzo Hoard 1980 and Sicilian Chronology in the early fifth century B.C.* N.York, *ANSNS*, 18.
- BAMMER, A.
1990 A peripteros of the geometric period in the Artemision of Ephesus. *AS*, 40:137-160.
1991 Les sanctuaires des VIII^e. et VII^e. siècles à l'Artémision d'Éphèse”, *RA* (1): 63-84.
- BROWN, W.L.
1950 Pheidon's Alleged Aeginetan Coinage. *NC*:187-202.
- HOGARTH, D.G.
1908 *Excavations at Ephesus*. Londres; capítulo V por B.V. Head.
- HOLLOWAY, R.R.
1971 An Archaic Hoard from Crete and Early Aeginetan Coinage. *ANSMN*, 17:1-21
1984 The date of the first Greek coins: arguments from style and hoards. *Revue Belge de Numismatique*, CXXX: 7 e 17-18.
1999 The Early Owls of Athens and the Persians. *RBN*, CXLV: 5-15.
2000 Remarks on the Taranto Hoard of 1911. 'Manuscrito'.
- JACOBSTHAL, P.
1951 The Date of the Ephesian Foundation Deposit. *JHS*, 71: 86-95.
- KRAAY, C.M.
1976 *Archaic and Classical Greek Coins*. Londres: Methuen.
- KROLL, J.; WAGGONER, N.
1984 Dating the Earliest Coins of Athens, Corinth and Aegina. *AJA*, 88: 325-340.
- ROBINSON, S.
1951 The Coins from the Ephesian Artemision Reconsidered. *JHS*, 71: 156-167.
- SELTMAN, C.T.
1924 *Athens, its History and Coinage before the Persian Invasion*. Cambridge.
- SIMPÓSIO: Museu Britânico
1984 *The Archaic Temple of Artemis at Ephesus: a reconsideration of the earliest finds*. Março de 1984. Cf. Holloway:17-18 e Kroll e Waggoner.
- WEIDAUER, L.
1975 *Probleme der frühen Elektronprägung*, Fribourg, Office du Livre.

Recebido para publicação em 18 de dezembro de 2001.